

Ecoarquiteto cria novo modelo para urbanização da Amazônia

Wanda Nestleher

SÃO PAULO — A ocupação da Amazônia, uma das maiores dores de cabeça dos governos brasileiros, tem solução. Quem garante é o arquiteto e urbanista Fleury de Oliveira, que defendeu, na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (USP), uma tese de doutorado capaz de revolucionar os conceitos vigentes para a formação de cidades no Norte brasileiro. Fleury é um especialista em ecoarquitetura e criou um modelo de urbanização para a Região Amazônica onde o carro não tem vez, a não ser para circular em uma única estrada que deverá ligar a comunidade ao aeroporto; onde o desmatamento só será necessário em áreas muito restritas; e, fundamentalmente, onde o solo essencial à manutenção do ciclo das águas da floresta é respeitado.

A idéia de Fleury é simples. Toda a organização da comunidade deverá se dar ao longo de uma espécie de rua construída com madeira roliça e coberta de palha, numa palafita, a cerca de três metros do solo. "Além de preservar a umidade natural do terreno, você permite a circulação dos animais", explica o arquiteto. Essa estrutura, que pode ter comprimento variável e uma largura em torno de seis metros, foi batizada por seu criador de "suporte urbano". As casas, escolas, postos de saúde, instalações comerciais e de lazer seriam engatadas nesse suporte, o que resultaria num corredor elevado de cerca de 35 metros. O desmatamento, porém, segundo a proposta de Fleury, precisa ser um pouco mais amplo, em uma faixa de aproximadamente 100 metros de largura, para evitar acidentes como a queda de árvores muito altas sobre as construções.

"O fundamental, em tudo isso, é pensar numa comunidade agrossilvicultural", alerta Fleury. Os moradores de sua cidade amazônica estariam voltados para

São Paulo — Murilo Menon



Fleury e a nova Amazônia

atividades como extração de riquezas do lugar (castanhas, latex, cacau, dendê, guaraná e outras), caça, pesca e alguma agricultura de várzea, como o arroz, além da criação de peixes em lagos naturais. Todo o projeto do arquiteto está baseado no uso dos rios. Eles são os únicos meios de acesso a esse tipo de cidade, onde deverá haver indústrias e o lixo servirá como gerador de energia, através da instalação de biodigestores para grupos de duas ou três residências, reduzindo a necessidade de energia elétrica.

Segundo a idéia do arquiteto, essas cidades deverão ter dois portos, um em um rio maior e outro em um afluente. O transporte de mercadorias e passageiros desses portos para o suporte urbano seria efetuado sobre trilhos, com algum tipo de veículo que permita isso, ainda não especificado por Fleury. "O que não pode haver na Amazônia é transporte sobre rodas", diz ele. A umidade natural do solo gera muito barro, o que acaba

exigindo a pavimentação, "um verdadeiro crime ecológico".

Tão importante é a utilização dos rios que as cidades propostas pelo arquiteto Fleury não poderão ser instaladas em pontos onde não haja uma malha fluvial navegável muito favorável. Segundo ele, a região da Amazônia que mais bem se presta a seu projeto é a Oeste, no estado do Amazonas, perto do Acre, entre os rios Madeira, Purus, Juruá e Javari. "É uma região ainda pouco ocupada, onde não há muita mineração, apenas alguns pontos de extração de gás natural", justifica Fleury. Ali, ele acredita, pode-se criar um modelo de desenvolvimento tropical para um país tropical, o que nunca foi feito em nenhum lugar do mundo.

Tudo no projeto imaginado pelo arquiteto, baseia-se na idéia do "efêmero renovável", ou seja, na mesma filosofia adotada pelos índios, que constroem suas moradias com o material do lugar e, quando a durabilidade acaba, simplesmente reformam, ou reconstróem. "É muito mais razoável, barato e rápido do que construir com concreto e trazer pedras sabe-se lá de que distância", atesta Fleury. De fora, suas cidades só necessitarão de tecnologia de comunicação e talvez de transporte. As construções são feitas com madeira roliça e cobertas de palha ou folhas de madeira.

Preocupado com a questão ambiental, que em sua opinião vem recebendo um tratamento errado — "só se fala na fauna, na flora, nas águas e nunca se insere o homem nesse contexto", reclama —, Fleury de Oliveira começou a pesquisar a ocupação da Amazônia em 1980, quando começou seu trabalho de mestrado, apresentado à USP em 1984. Ele sonha com seus projetos implantados, mas teme que não haja tempo para isso. "Se a destruição da Amazônia continuar no ritmo atual, em 30 anos já não haverá mais nada por lá", imagina.